

# Fantasia – alegoria e performance no Carnaval



Grupos de bate-bola se reúnem no subúrbio do Rio

**LOIANE GOMES FERREIRA E THATIANE NARCISO NUNES**

**C**arnaval do Brasil, especialmente o do Rio de Janeiro, é internacionalmente conhecido pelos excessos, cores e criações. Se considerarmos que ritual é um momento em que os indivíduos saem da sua realidade para ter novas experiências, o Carnaval carioca exemplifica muito bem o conceito. Na festa que ocorre nas ruas da cidade e no sambódromo da Marquês de Sapucaí, foliões fogem de suas rotinas e mergu-

lham em um novo mundo, por pelo menos quatro dias, onde podem exercer o papel que quiserem. Como o Carnaval compõe a identidade da cultura nacional, os elementos dele compõem a identidade dos seus participantes.

É durante a festa da carne que os indivíduos de diferentes regiões e classes sociais do Rio se integram em espaços distintos, exaltando uma sociedade paralela, na qual todos são iguais e não há hierarquia social. A festa permite que os foliões sejam o que quiserem. Ela é o ápice de um

provável ano de desejos reprimidos.

Por isso, é fundamental a existência da fantasia no Carnaval. Ela pode ser utilizada apenas como uma alegoria, algo para se integrar à festa, ou como principal ferramenta para uma performance que irá retirar o indivíduo do espaço ao qual ele está acostumado e deslocá-lo para outra realidade. No troca-troca de identidades, todos se tornam um. O antropólogo Roberto DaMatta diz que a fantasia escolhida por um folião revela um desejo escondido, e tem uma relação entre o papel social que a pessoa representa e aquele que ela gostaria de representar.

## A fantasia

Usada em grupo ou de forma individual, a fantasia é uma das principais ferramentas para integrar aqueles que desejam, racional ou irracionalmente, fugir do que lhes é comum. Homens se vestem de mulheres sem medo de serem alvos de preconceito, mulheres se vestem de princesas infantis, grupos inteiros incorporam uma família de desenho animado. É o local que, ainda segundo DaMatta, a rua se torna o espaço privado da casa, que permite tudo que o cidadão desejar. E, nas escolas de samba, alas com 50 componentes usam uma roupa só para representar e dar sentido a um enredo.

O desejo da representação não está necessariamente em exercer aquele papel definitivamente na vida, mas ao menos experimentá-lo. Ou, ainda, experimentar o sentimento de liberdade de poder ser o que desejar durante esses quatro dias. A analista financeira Thaís Araújo, de 27 anos, planeja as fantasias de Carnaval alguns meses antes da festa. Decide com cuidado as roupas, os tecidos, e faz até testes com a costureira antes da versão final. Na maioria das vezes, a roupa é confeccionada com amigas. Questionada se as fantasias representam o momento em que é possível sair de si, Thaís discorre. “Nunca havia parado para pensar, mas talvez sim. Quando criança não podia me fantasiar de super-herói, por exemplo, porque diziam que era coisa de menino. Quando adolescente usava sempre as mesmas fantasias que vendiam prontas, e sempre de princesa ou havaiana. Sempre gostei de me fantasiar, acho divertido, mas poder escolher qualquer personagem, sem amarras, deixa tudo melhor. E depois de mais velha a gente ainda pode fazer da forma que quiser”.



*Crianças já fazem parte dos grupos, fato que não existia nas décadas de 1980 e 90*

As fantasias em grupo também são uma forma de reunir-se com pessoas que não via há muito tempo, ou que nem conhecia. “Chamo algumas amigas, e elas vão chamando outros amigos. Uns cinco anos atrás, na hora de ir para o bloco, vi que tinha umas 15 pessoas com a mesma fantasia. E ficamos todos amigos naquele momento, usando o que cada um tinha de diferente para fazer piadas”.

Apesar da semelhança momentânea, Thaís conta que não manteve contato com as pessoas que só conheceu naquela ocasião. “Amor que não sobe serra (risos). Só tínhamos aquilo ali em comum, depois fui procurar na internet e era uma galera muito diferente de mim”!

Diferente da experiência de Thaís, no subúrbio do Rio e em algumas cidades da Baixada Fluminense, a fantasia em grupo é planejada entre pessoas que são muito parecidas, em relação à classe social, gênero, raça, gostos pessoais e pertencimento geográfico. Os grupos de bate-bola, ou clóvis, são formados por adolescentes e adultos dessas áreas que se reúnem para confeccionar e pular Carnaval juntos. No Rio, já são cerca de 100 turmas organizadas e reconhecidas entre si. A fantasia com máscara assustadora, roupas coloridas e uma bola a tiracolo é inspirada na festa de Folia de Reis e se funde ao *clown* (palhaço), que inclusive seria a origem do nome “clóvis”.

O técnico em edificações Emerson Santos, de 24 anos, cresceu vendo a ação dos grupos bate-bola nas ruas de Guapimirim, interior do estado do Rio. Diferentemente da maioria das crianças, ele conta que nunca teve medo e sempre insistiu para que a mãe o deixasse participar da festa. “Minha mãe



*União da Mangueira com a comunidade homônima fortalece ambas*

comprava uma bola pequena no camelô e costumava uma roupa colorida, mas a graça era sair em grupo. Quando os meninos [vizinhos] e eu crescemos mais um pouco, começamos a entrar nessa e não paramos mais”.

Além da preocupação com suas próprias roupas e estilo, os grupos de bate-bola também duelam com outros para eleger o melhor. Apesar de não haver uma competição oficial durante o Carnaval, a disputa é levada a sério e, em alguns casos, há o risco de terminar em episódios de violência. “Às vezes tem briga, mas eu nunca me meti. Principalmente porque não moro mais aqui, só venho visitar e curtir o Carnaval. Já soubemos de alguns amigos que até morreram por causa das brigas, infelizmente”.

Apesar disso, nos últimos anos é comum a participação de crianças nos grupos. A sensação de pertencimento geográfico surge cada vez mais cedo nas comunidades e cidades mais pobres.

O fenômeno dos bate-bolas sintetiza a importância da alegoria para validar a performance. Durante meses, os clóvis se preocupam em criar o melhor possível para o ápice, que é quando po-

derão agir como um único grupo, em que a individualidade fica em segundo plano e o objetivo principal é defender a comunidade. “Acho que a nossa maior dificuldade, e o que mais gasta tempo, é fazer com que todas as roupas fiquem iguais. Costureira custa caro, e além das roupas de desfile temos as roupas próprias do grupo, camisetas, faixas, pintar as bolas, as sombrinhas. E como não é nada industrial, tem que ser feito com cuidado para ninguém ficar diferente. É todo mundo igual”.

## **As escolas de samba**

Nas escolas de samba, o conceito de comunidade é o que dá o tom da festa. Lá, também todo mundo é igual. Por um ano inteiro, moradores de comunidades ou simpatizantes de determinada agremiação unem esforços para colocar na avenida um desfile com as melhores alegorias possíveis – além, claro, de todos os outros elementos que o compõe. Dentro das escolas, a escolha da fantasia não passa pelo desejo individual, mas gira somente em torno do que for melhor para o sucesso do desfile. Uma ala com dezenas de pessoas é forma-

da de acordo com o enredo, e é a partir dele que as fantasias são confeccionadas. Cabe ao componente vesti-la e acreditar na importância dela para o bom desenvolvimento da narrativa apresentada no sambódromo.

A comunidade “escola de samba” tem suas subdivisões. Algumas alas são comerciais, ou seja, têm suas fantasias vendidas com preços que chegam a R\$ 2.000 para um público-alvo formado por turistas, que querem viver a experiência de ser quem não se é: o integrante de uma agremiação.

Mas as principais alas são aquelas dedicadas aos moradores do local em que está situada a sede da escola, uma vez que desde o nascimento há um forte movimento para a criação de uma identificação. Dona Vilma, como gosta de ser chamada, tem 63 anos e já foi diretora de ala da Portela. Hoje, só compõe a Velha Guarda. Com a família criada dentro das escolas de samba do Rio, especialmente da zona oeste, ela sempre soube como funcionava o funcionamento das alas. “Tem que ter organização, ensaiar direitinho e não pode faltar. O engraçado é que as pessoas geralmente ficam em alas diferentes de amigos, mas isso é só na hora do ensaio e do desfile. Ninguém reclama porque sabe que tem que ser o que é melhor para a escola. Não vou dizer que nunca teve reclamação, mas foram poucas e fáceis de resolver. Quem conhece Carnaval sabe como tem que ser, e quem não é tem que sambar miudinho”.

É quase impossível, por exemplo, um morador do morro da Mangueira não torcer para a Verde e Rosa. Como é o caso de Flavia Silva, de 28 anos, analista de marketing. Apesar de atualmente morar em Jacarepaguá, na zona oeste da cidade, ela sempre foi mangueirense. “Há uns três anos eu não desfilo, mas até então sempre desfilei. Chegava lá, perguntava para a Harmonia o que tinha que fazer, e fazia. Se me mandassem limpar a quadra, eu limpava (risos). Tudo para ver a escola bonita e campeã, né?”

Questionada sobre a importância de uma escola de samba para o fortalecimento da comunidade, e de uma comunidade forte para que a escola de samba seja importante, Flavia é categórica. “As duas coisas são fundamentais e dependentes. A Mangueira só existe porque a Mangueira existe, e aqui são a escola e a favela. É muito bonito ver o povo junto para botar na rua uma escola tão im-



Organização de alas da comunidade é feita com rigor

portante, a maior do Rio. Muitas das vezes é uma gente pobre, que não tem muita perspectiva de vida, mas vê no Carnaval e na escola um alívio, um respiro, uma esperança”.

A experiência de Flavia mostra como o Carnaval como performance é latente na sociedade carioca. Seja nos blocos de rua, nos grupos de bate-bola ou nas escolas de samba, os foliões buscam sair de uma realidade a qual estão aprisionados em direção a uma outra mais leve e livre, sem determinações pré-estabelecidas que não rendem benefícios próprios.

Quem faz e vive o Carnaval acredita que a festa é uma das melhores fantasias que existe. Thaís é a prova. “É como se não existisse coisa ruim, ou que na quarta-feira não tivéssemos que acordar e enfrentar o chefe (risos). O triste de tudo é ter que tirar a fantasia e colocar o despertador para tocar”.

## Carnaval carioca

### Bate-bola

100 grupos no RJ

Nomes sentimentais: Alegria, Felicidade, Explosão, Carinho, Amor, Amizade.

Roupas coloridas e adereços

### Blocos de rua

505 blocos oficiais na capital

Fantasias em grupo são comuns, mas muitas são improvisadas

### Escolas de samba

De 3.000 a 5.000 componentes cada.

Fantasias confeccionadas nos barracões.

Alas com dezenas de pessoas vestidas igual